

## A Escrita Criativa: Instrumento de Desenvolvimento de Funções Mentais e de Compreensão e Aceitação de/entre Culturas Fronteiriças

La Escritura Creativa: Herramienta de Desarrollo de las Funciones Mentales y de Comprensión y Aceptación de/entre las Culturas Fronterizas

Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli\*  
Ana Maria de Vasconcelos Silva\*\*

**Resumo:** Neste artigo, apresenta-se pesquisa em andamento cujo objetivo, sob a teoria de Vigotski, é promover e analisar processos e resultados da escrita criativa como expressão e elaboração do pensamento e como constituinte de funções psicológicas superiores que dependem da interiorização dos elementos mediadores propiciados pela escolarização. A cultura proporciona experiências ligadas a diversas formas de expressões artísticas e culturais, como forma de estímulo à produção de textos criativos, considerando que o aprimoramento deste bem social que é a escrita, possibilita a transformação das formas de expressão da consciência e da própria realidade social, inclusive em ambiente e contexto fronteiriço.

**Palavras-chave:** Escrita, desenvolvimento, identidade, cultura.

**Resumen:** En este artículo, presentamos la investigación en curso, bajo la teoría de Vygotsky, cuyo objetivo es promover y estudiar la escritura creativa como expresión y elaboración del pensamiento y como constituyente de funciones psicológicas superiores que dependen de la interiorización de los elementos mediadores que propicia la escolarización. La cultura proporciona experiencias vinculadas a diversas formas de expresiones artísticas y cultura-

### Introdução

Ganhei lápis de ouro com  
ponta de arco-íris  
Mas não é de desenhar  
nem de escrever  
É de abrir janelas  
(Maria Antonia Oliveira)

A pesquisa em andamento, cujos primeiros passos aqui se apresentam, é proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Psicologia, Educação e Trabalho (CPET), em articulação com o Projeto Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF). O trabalho do grupo envolve o compromisso ético e político da produção em psicologia com as urgências e necessidades sociais, destacando-se as questões regionais, razão pela qual foi elaborada para aplicação nos dois anos finais do ensino funda-

\* Doutora em Educação, Professora do Curso de Psicologia UFMS/CPAN, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Psicologia, Educação e Trabalho (CPET), beatriz.flandoli@ufms.br

\*\* Mestre em Educação, Professora do Curso de Psicologia UFMS/CPAN, Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Psicologia, Educação e Trabalho (CPET), ana.silva@ufms.br

les a diversos modos de expresión artística y cultural como estímulo a la producción de textos creativos, si se considera que el perfeccionamiento de la escritura, un bien social, posibilita la transformación de las formas de expresión de la conciencia y de la propia realidad social incluido el medio ambiente y el contexto fronterizo.

**Palabras claves:** Escritura, desarrollo, identidad, cultura.

mental em escolas públicas participantes do projeto Escolas Interculturais de Fronteira.

Os estudos visam proporcionar experiências ligadas a diversas formas de expressões artísticas e culturais, tais como fotografia, cinema, música e literatura, não só para sensibilização estética, mas também como forma de estímulo à produção de imagens fotográficas dos contextos socioculturais em que os sujeitos habitam e vivem. Também se objetiva a produção de textos descritivo-analíticos pelos estudantes da escola acerca dessas imagens. A pesquisa concebe a criatividade na escrita como um recurso que está disponível para ajudar o homem a estruturar seu pensamento e elaborar suas emoções, e, no contexto da fronteira, elucidar, fortalecer, valorizar e harmonizar as diferenças culturais e identitárias.

Os pressupostos teóricos que fundamentam esse trabalho advêm da psicologia sócio-histórica, que busca compreender a relação entre o funcionamento psicológico e o contexto histórico e cultural, partindo da concepção de que os fenômenos humanos são produzidos no processo de constituição da vida social. Em outras palavras, o entendimento da historicidade do homem e da constituição dos processos psicológicos mostra que os fenômenos psicológicos não são da ordem do biológico e do natural, mas da ordem do simbólico e das leis histórico-culturais.

Por essa perspectiva, qualquer proposta de análise e compreensão e de superação da realidade social deve ser compreendida como questão ética e política, pois, conforme aponta Sawaia (1999), trata-se da relação indissociável e reversível do psicológico ao social; social que é sempre político e ético, determinando o fenômeno psicológico como ético-político.

Isso exige a reflexão crítica e a criação de novos conhecimentos, a inventividade nos processos de investigação sobre a singularidade, a virtualidade presente nas sociedades contemporâneas, os episódios e os fragmentos do cotidiano e a reflexão sobre as diferenças culturais presentes na região de fronteira e seus desdobramentos.

O objetivo é analisar processos e resultados da escrita criativa como expressão e elaboração do pensamento e como constituinte de funções psicológicas superiores que dependem da interiorização dos elementos mediadores propiciados pela escolarização.

## Abrindo janelas

A dificuldade em escrever é uma queixa dos discentes de todos os níveis escolares, ficando mais evidente, inclusive, nos níveis de formação e pós-graduação. Para Fazenda (1997, p. 16), essa dificuldade em escrever, consequência da “[...] dificuldade em ler, interpretar e compreender, advém de uma formação inadequada na escola de 1º e 2º graus”. Em outras palavras, a dificuldade de escrever indica que a instituição escolar não tem apresentado meios e mecanismos para desenvolver a escrita em seus alunos.

Sabe-se que essa dificuldade é justificada, na escola, pela falta de leitura. Afirma-se, hoje, com muita frequência, que é necessário desenvolver o hábito de ler para bem escrever. Torna-se muito comum imaginar que só pode escrever bem aquela criança cuja família estimulou a leitura. Sem dúvida, alguém que é um assíduo leitor, no caso de pôr-se a escrever, terá facilitadas a ortografia, a sintaxe e o vocabulário, mas não é absolutamente correto afirmar que, por gostar de ler e fazê-lo com frequência, essa pessoa passe a escrever. Ler e escrever são processos independentes e bastante diferentes quando se quer a manifestação dessas atividades. Por isso, ter aprendido a ler e a praticar a leitura não implica, automaticamente, no exercício do ato de escrever.

Ler é necessário, mas a leitura deve ser ativa, como afirma Teplov, um dos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica. E leitura ativa, para este, é aquela que exige imaginação criativa e não “[...] a leitura que tem como único objetivo conhecer o

que se diz aqui e o que sucederá depois” (TEPLOV, 1991, p. 127). A leitura que, segundo o autor, vê e sente com o pensamento tudo que há no problema, é a leitura capaz de despertar a imaginação criadora, por meio da qual os jovens podem sentir o desejo de escrever.

Em outras palavras, embora se saiba que a criança traz marcas da escrita a partir de sua história de interações cotidianas, particularmente no ambiente familiar, já que o indivíduo entra em contato com a escrita muito antes do ingresso na vida escolar, não é à família que cabe a sistematização desse sistema simbólico. Isto é, mesmo admitindo que a família exerça influência sobre os hábitos de leitura e escrita, seu papel é diferente do papel da escola, pois “[...] o papel da família e o da escola distinguem-se quanto à função: à família cabe a vertente afetiva, sem caráter sistematizado, e à escola, normatizar a escrita, oferecendo oportunidades de contextualizá-la de acordo com os usos sociais” (NUCCI, 2000, p. 63).

Faz-se necessário esclarecer que a escrita a que se refere aqui difere e supera a escrita de uso social – aquela que se desenvolve para satisfazer as necessidades cotidianas de orientação no mundo social, tais como escrever bilhetes, fazer lista de compras ou comunicar-se pela internet.

A capacidade de escrever que se busca promover para análise das funções psicológicas superiores decorrentes de tal desenvolvimento, e especialmente a reflexão crítica sobre as diferenças culturais e seus desdobramentos, é aquela em que se desenvolvem as próprias ideias e transmuda-se em uma forma de expressão individual, denominada por Flandoli (2003) de escrita criativa.

Entretanto, para desenvolver a possibilidade da escrita criativa em adolescentes de escolas públicas de realidades sociais calcadas em acentuada desigualdade – como é o caso da fronteira Brasil-Bolívia, região que compreende as cidades de Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suarez - e que pertencem a camadas da população que pouco acesso têm a produtos da cultura erudita, é necessário destacar alguns postulados da teoria psicológica sócio-histórica.

Para elucidar a concepção de cultura presente na obra do fundador desta vertente teórica, Flandoli (2013) destaca que foi Vigotski<sup>1</sup> o primeiro estudioso da psicologia a esclarecer o papel da cultura no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, ao anunciar que a cultura se concretiza mediada pelos

---

<sup>1</sup> Por ser a grafia cirílica original de seu nome (Лев Семёнович Выготский) variadamente transcrita em idiomas que utilizam o alfabeto latino, são encontradas em diferentes fontes transliterações distintas, com e sem diacríticos, incluindo Vigotski, Vygotski, Vygotsky, Vygotskij e Wygotski, mas não se limitando a estas variações. Embora optando por grafar Vigotski, por ser a forma encontrada com maior frequência na literatura recente, mantivemos nas referências as grafias adotadas por seus autores.

processos sociais dentre os quais se destaca a linguagem, que “é a função central das relações sociais e da conduta cultural da personalidade” (VIGOTSKI, 1995, p. 146), e que, essencialmente, a cultura cria formas especiais de comportamento e muda o funcionamento da mente. Assim, evidencia-se que promover e pesquisar o desenvolvimento da criação na forma escrita demanda também que se elucidem as concepções adotadas de criatividade e de cultura, especialmente em territórios permeados por diferentes culturas como aqueles situados em fronteiras internacionais.

Por outro lado, a criatividade, que para Luria (2001) é a capacidade de resolver problemas, é constituída pela imaginação e “tem sempre uma larga história atrás de si” (VIGOTSKI, 2009, p. 31), fato que a torna um processo muito complexo. Para este autor, os primeiros pontos de apoio que a criança encontra para sua futura criação é o que vê e ouve, acumulando materiais que logo usará para construir sua fantasia, seguindo-se depois um processo complexo de elaboração desses materiais.

Assim, para “educar um escritor na criança, deve-se desenvolver um forte interesse pela vida à sua volta” (VIGOTSKI, 2009, p. 66). O autor elucidava que esse interesse deve ser despertado também proporcionando aos educandos o contato com os mais avançados produtos da cultura, posto que toda criação, por mais individual que pareça, sempre tem um coeficiente social e cabe às instituições encarregadas de promover o ensino e o desenvolvimento contrapor-se à distribuição desproporcional entre inventores e inovadores das diversas classes sociais, já que notadamente, as classes privilegiadas, historicamente, sempre têm produzido uma porcentagem consideravelmente maior de cientistas, artistas e técnicos do que as classes desfavorecidas, exatamente porque as primeiras têm em suas mãos as condições necessárias para criar. Nenhuma criatividade é possível sem que se criem as condições materiais e psicológicas para seu desenvolvimento.

Como lembra Giora (2000), embora postule a necessidade de favorecer a criatividade, Vigotski reconhece que a escola, espaço privilegiado na formação da consciência, ao preocupar-se em nivelar o conhecimento de todos os seus alunos, não contribui para a formação de um sujeito criativo, mas de um sujeito fragmentado, que se preocupa apenas com a satisfação das necessidades básicas e cuja sensibilidade jamais foi cultivada para a criação estética.

Ao longo de sua obra, desde os textos iniciais produzidos entre 1917 e 1924, até os textos do período final de sua vida, entre 1932 e 1934, Vigotski afirma categoricamente que cabe à instituição escolar a tarefa de criar na criança a necessidade de escrever e ajudá-la a dominar os meios da escrita, buscando desenvolver

nela um forte interesse pela vida e favorecendo o contato com os produtos mais elevados da cultura.

Portanto, está posta a indissociabilidade entre natureza, cultura, sujeito, sociedade, eu, outro, imagem, palavra, texto. Dessa maneira, nessa vertente, a função imaginativa depende da experiência e das condições materiais e psicológicas para que se realize. Em outras palavras, ao argumentar a favor da necessidade da ação na pesquisa sócio-histórica ou sociocultural, Wertsch (1998, p. 56) lembra:

O objetivo da pesquisa sociocultural é entender o funcionamento mental humano, por um lado, e o contexto cultural, histórico e institucional, por outro. Em um mundo caracterizado por rápidas transações políticas, um nacionalismo recém-despertado e muitas outras formas de mudança potencialmente positivas, mas muitas vezes fatais, a pesquisa sociocultural nunca foi tão oportuna. Ela representa um dos caminhos em que a psicologia, a antropologia, a educação e as disciplinas afins podem dar um novo passo para entrar no discurso público sobre as questões atuais mais convincentes.

Assim, na combinação de atividades organizadas de modo a promover a escrita que serve de material para analisar o desenvolvimento de funções psicológicas dos adolescentes, pesquisa e intervenção combinam-se e fundem-se em torno do mesmo objetivo. Apresenta-se, também como proposta de superação da dificuldade de escrever, servindo de instrumento de valorização das identidades culturais, de respeito, e de valorização e harmonização das diferenças entre estudantes das duas nacionalidades. Mais precisamente dos alunos bolivianos que, de acordo com relatos de professores e pesquisadores, são vítimas de preconceito por parte de seus colegas brasileiros nas escolas do lado de cá da fronteira.

A escolha dos últimos anos do ensino fundamental também decorre dos postulados de Vigotski, que, embora não tenha elaborado nenhum método para ensinar a ler ou a escrever, postulava que a criatividade, nesse processo, é possível a partir da adolescência.

A própria criação literária – disse o professor Soloviov –, no sentido autêntico da palavra, toma sua origem precisamente ao iniciar-se o despertar sexual. Necessita-se de uma torrente suficiente de vivências pessoais, de experiências vividas, há que se saber analisar as relações humanas em meios diversos para poder expressar em palavras algo pessoal, novo (com critério próprio) encarnando e combinando feitos da vida real (VIGOTSKI, 2009 p. 54).

A partir dessas considerações, entende-se que para o autor a escrita, produto da evolução histórica, é um dos dispositivos artificiais que surgiram no comportamento do homem dirigido para o domínio dos processos psíquicos. O autor denominou esses dispositivos ou criações artificiais, como a escrita, as obras de arte, os mapas, o simbolismo algébrico e os dispositivos mnemotécnicos, entre

outros, de instrumentos psicológicos, que, ao se inserirem no processo de comportamento, modificam

[...] de forma global a evolução e a estrutura das funções psíquicas, e suas propriedades determinam a configuração do novo ato instrumental do mesmo modo que o instrumento técnico modifica o processo de adaptação natural e determina a forma das operações laborais (VIGOTSKI, 1999 p. 94).

Companheiro e colaborador do autor supracitado, o psicólogo russo e neurologista A. R. Luria referia-se a ela como uma função tipicamente humana e que “[...] pode ser definida como uma função que se realiza, culturalmente, pela mediação” (LURIA, 2001, p. 144).

A mediação deve ser realizada pela instituição escolar. Entretanto, a queixa em relação à dificuldade de escrever apresenta-se como indicativo de que a escola não tem apresentado meios e mecanismos para desenvolver a escrita em seus alunos. A escrita criativa é uma das formas de manifestação da linguagem, a partir de um momento específico no processo educativo, situado na adolescência. Vigotski referiu-se a esse momento como momento catártico e Duarte (1996, p. 71) trata-o da seguinte maneira: “[...] é raro que a catarse seja tão intensa que modifique toda a vida do indivíduo. É mais comum que ela seja apenas um pequeno e específico salto em algum processo de relacionamento entre o indivíduo e alguma objetivação”.

Independentemente de localizar esse momento ou de identificá-lo, cabe atentar para a orientação vigotskiana a respeito da necessidade de disponibilização de material para estimular a criação escrita a que ele se refere como criação literária:

A conclusão a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou. Quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas –, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p.22)

Entretanto, essa atividade imaginativa que é fonte de júbilo, conforme o autor, também é fonte de sofrimentos. No texto “As torturas da criação” (1982), Vigotski afirma que criar é difícil, pois a demanda da criação nem sempre coincide com a possibilidade de criar e esse fenômeno revela a importância da imaginação, sem a qual seria impossível a palavra escrita de forma criativa, artística ou literária. Para ele, a imaginação na esfera intelectual corresponde à vontade na esfera do movimento. “A imaginação criadora, em toda sua forma, trata exteriormente de afiançar-se em atos que não existam somente para seu autor, mas também para os demais” (VIGOTSKI, 1982, p. 52).

A imaginação criadora é de extrema importância. “A educação da criança na formação de imagens possui não somente valor parcial para exercitar e fomentar uma função isolada qualquer, mas possui importância total que se reflete em toda conduta do ser humano” (VIGOTSKI, 1982, p. 52). Assim sendo, a imaginação é impulso criador que perpassa todos os aspectos da vida. Vigotski alerta que se ensina as crianças a desenhar e construir palavras, mas não se ensina a escrita. Sugere que existe uma falta de correspondência entre o desenvolvimento da linguagem falada e o da linguagem escrita. Dessa maneira, uma pessoa pode descrever oralmente com entusiasmo um fato ou uma história, mas se lhe é pedido que escreva sobre esse fato ou história, a descrição escrita fica sensivelmente empobrecida. Isso porque a linguagem escrita é mais difícil e tem as próprias leis, que crianças e jovens ainda não dominam bem e que são diferentes das da linguagem falada.

Vigotski considera que a principal arte para orientar a escrever textos reside no estabelecimento de temas. Deve-se oferecer variedade de temas, que necessariamente precisam estar de acordo com a experiência acumulada pelo aluno. Também advoga ser mais fácil desenvolver o gosto pela escrita quando se convida o adolescente a escrever sobre temas que ele compreenda, que o emocionem e, especialmente, que o incitem a expressar com a palavra seu mundo interno. “É muito frequente que a criança escreva mal porque não tem o que escrever” (VIGOTSKI, 1982, p. 57).

Portanto, deve-se habituá-lo a escrever sobre aquilo que conhece, sobre o que já meditou.

Nada mais nocivo para a criança do que impor-lhe temas em que haja pensado pouco e sobre os quais não saiba o que dizer, isto equivaleria a educar escritores vazios, superficiais. Para fazer da criança um escritor, é preciso imbuir nela um forte interesse pela vida que lhe rodeia. A criança escreve melhor sobre aquilo que mais lhe interessa, sobretudo quando o conhece bem [...] deve-se ensinar a criança a jamais escrever sobre o que não sabe, sobre o que não lhe interessa. E, por certo, há mestres que procedem completamente ao contrário, com o que matam o escritor na criança (VIGOTSKI, 1982, p. 57).

Para o autor, é importante eleger os tipos de literatura mais adequados para os alunos, tais como notas, cartas e pequenos relatos, com a tarefa de infundir-lhes o desejo de escrever e ajudá-los a dominar os meios de fazê-lo. Dessa forma, compreende-se que, para educar os adolescentes na arte de escrever, é necessário proporcionar-lhes estímulo e material para criar.

Vigotski (1982) relata que, nos adolescentes abandonados, se vê de modo mais evidente como eles escrevem com mais desejo quando sentem necessidade de fazê-lo. Nessas crianças, a arte da palavra manifesta-se, sobretudo em forma de canções. O autor descreve uma experiência que reuniu relatos de 70 crianças



abandonadas, de 14 e 15 anos. Todos eles escreveram com seriedade e interesse acerca de suas próprias vidas. Assim, acredita Vigotski, quando os adolescentes têm sobre o que escrever, escrevem com toda sinceridade.

Vigotski (1982) entende que a sincera emoção que se faz presente na linguagem juvenil a distingue da linguagem literária dos adultos. Nesse período, as vivências são intensas, surgem anseios e desejos e a vida interior complica-se intensamente em comparação com a infância. Também se complicam as relações com as pessoas e com o meio que as rodeia. As impressões do mundo exterior passam a ser submetidas a uma análise mais profunda. Evidencia-se uma peculiaridade da conduta do adolescente estreitamente relacionada com o despertar da atividade literária nessa época, que é a elevada emotividade, a elevação da excitabilidade dos sentimentos no período transitório. A emoção e a inquietude aparecem cada vez que se rompe o equilíbrio entre nós e o meio ambiente, o que ocorre nessa idade de transição em que as crianças crescem muito, aproximando-se com rapidez das dimensões do corpo adulto.

Os períodos críticos na vida humana, os períodos de transição e a reconstrução interna da personalidade são ricos de sentimentos vitais e reações emocionais. Isso leva Vigotski a indagar se a emotividade que surge na adolescência manifesta-se como algo que leva ao isolamento, à contemplação, ao distanciamento da realidade ou se essa emotividade pode ser um dispositivo que enriquece e fecunda ilimitadamente a atitude da criança e do adolescente frente ao mundo que o rodeia.

### À guisa de reflexão final

A teoria norteadora de Vigotski aponta para o sentido e a importância da criação artística que residem no fato de que esta permite às crianças e aos jovens superar a angústia durante o desenvolvimento da imaginação criadora que imprime à fantasia uma direção nova que durará toda a vida. Além disso, a criação escrita, tanto como qualquer criação artística, também se faz importante porque aprofunda, amplia e depura a vida emocional do adolescente. Ela permite que crianças e adolescentes exercitem seus anseios e hábitos e dominem a linguagem, que é o sutil e complexo instrumento de formular e transmitir os pensamentos humanos, seus sentimentos, o mundo interior do homem.

Os primeiros resultados desta pesquisa, em consonância com a teoria que a embasa, apontam para a comprovação que os produtos da atividade humana com vistas à criação e ao aprimoramento de um novo conhecimento, produzido e apropriado com criatividade e rigor científico, implica necessariamente em processos de transformação de todos os sujeitos envolvidos, tanto pesquisadores quanto

pesquisados. Assim, a produção, ao ser mediada socialmente, torna-se uma prática social, política, ética e estética. Daí a importância de se oferecer “lápiz com ponta de arco-íris” para ajudar os jovens a “abrir janelas” que façam expandir sua própria cultura e deixar entrar a cultura do “outro”, mas, principalmente, janelas que se abram para o voo em busca das razões de “ser” e “estar” em região de fronteira.

## Referências

- DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. Campinas: Autores Associados, 1996.
- FAZENDA, I. Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1997.
- FLANDOLI, B.R.G.X. A escrita criativa no ensino fundamental: uma interlocução possível. 2003. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS), Campo Grande, MS, Brasil.
- \_\_\_\_\_. A concepção de cultura em Vigotski e suas contribuições para o trabalho e a educação. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS), Campo Grande, MS, Brasil..
- GIORA, R. C. Emoção na criatividade artística. In: LANE, S. T. M.; ARAÚJO, Y. (Orgs.). Arqueologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LURIA, A. R. *Language and cognition*. New York: Wiley Intersciences, 1981.
- LURIA, A. R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- NUCCI, E.P. Alfabetizar letrando... um desafio para o professor! In: LEITE, S. A. S. Alfabetização e Letramento – contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas: Unicamp, 2000.
- OLIVEIRA, M. A. Águas cristalinas. Bodoquena, MS: Independente, 1999.
- SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B. (Org.). As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TEPLOV, R. N. Aspectos psicológicos da educação artística. In LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.; VIGOTSKY, L. S. e Outros. Psicologia e Pedagogia II – Investigações experimentais sobre problemas psicológicos específicos. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.
- VYGOTSKI, L. S. Obras Escogidas: problemas del desarrollo de la psique. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995. Tomo 3.
- VIGOTSKI, L. S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. La imaginación y el arte en la infancia. Madrid: Akal, 1982.
- \_\_\_\_\_. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.
- WERTSCH, J. V. A necessidade de ação na pesquisa sociocultural. In Wertsch, J. V.; RÍO, P.; ALVAREZ, A. Estudos socioculturais da mente. Porto Alegre: Artmed, 1998.